

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

VIOLÊNCIAS QUE ATINGEM AS CRIANÇAS ESCOLARES: A PERCEPÇÃO E
CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Bolsista: Kethlen Moniqui Almeida de Oliveira

MANAUS

2013

VIOLÊNCIAS QUE ATINGEM AS CRIANÇAS ESCOLARES: A PERCEPÇÃO E
CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

VIOLÊNCIAS QUE ATINGEM AS CRIANÇAS ESCOLARES: A PERCEPÇÃO E
CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Bolsista: Kethlen Moniqui Almeida de Oliveira

Orientadora: Prof^ª Doutora Francisca Coelho Cavalcanti

MANAUS

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus o dom da sabedoria e por ter concedido saúde para finalizar esta pesquisa. A minha orientadora Professora Doutora Francisca Cavalcanti por ter me orientado incansavelmente durante todo o trajeto da pesquisa e por ter me proporcionado um grande enriquecimento científico na minha formação acadêmica. Agradeço também a minha colaboradora Jessica Correa de Oliveira por ter se dedicado a coletar dados tão necessários para alcançar o objetivo deste projeto. Ao meu noivo Ivan Kassio Arruda pelo incansável companheirismo, que se dedicou a ajudar a finalizar este projeto com louvor.

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Art. 227- Constituição Federal.

RESUMO

Este trabalho cujo objetivo é analisar o conhecimento e a percepção que o profissional da educação possui sobre as violências que afetam ou podem afetar o desenvolvimento escolar das crianças, está fundamentado por dados que apresentam a necessidade de uma melhor formação dos profissionais da educação diante da problemática que são os diversos tipos de violência que ocorrem dentro e fora da escola. Haja vista que esta – a escola – é o lugar de continuidade da construção de uma sociedade mais humana e cidadã. Seus objetivos específicos foram: identificar as principais violências que são percebidas pelos profissionais da educação; verificar qual ou quais conhecimentos que os profissionais da educação possuem sobre os diversos tipos de violência que atingem as crianças e se os mesmos estabelecem relação entre violências e desenvolvimento escolar; identificar quais órgãos de proteção à criança os profissionais da educação conhecem. Como dados primários foram considerados mais apropriados à concretização de tal finalidade, a metodologia qualitativa consistindo de entrevistas e um grupo focal, os dados coletados foram obtidos em escolas situadas em várias zonas da cidade de Manaus, sendo entrevistadas duas professoras e uma pedagoga de cada escola, totalizando 18 pesquisados. Foi observado que essas profissionais possuem um conhecimento limitado sobre os tipos de violências e sobre os órgãos de proteção à criança, entendem que se a criança for violentada terá consequências em seu rendimento escolar, mas não conseguem lidar com as situações que apresentam esta realidade.

Palavras-chave: Tipos de violência, formação de professores, direitos humanos.

ABSTRACT

This study aims to analyze the knowledge and perception of the professional education has on the violence that affects or may affect the development of children's school, is based on data that show the need for better training of education professionals on issues which are the various types of violence that occur within and outside of school. Since this – school – is the place of the construction of a more humane society and citizen. Its specific objectives were: to identify the main violence that are perceived by education professionals; check which knowledge that education professionals have on the various types of violence affecting children and if they establish relationship between violence and school development; identify which child protective agencies the education professionals know. As primary data were considered more suitable for achieving such a purpose, the qualitative methodology consisting of interviews and a focus group, the collected data were obtained in schools located in various parts of the city of Manaus, being interviewed two teachers and a pedagogue from each school, totaling 18 surveyed. It was observed that these professionals have limited knowledge about the types of violence and about the child protective agencies, understand that if the child is raped will have consequences in their school performance, but can not cope with the situations that present this reality.

Keywords: Types of violence, teacher training, human rights.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Gráfico do gênero sexual dos entrevistados	19
FIGURA 02	Gráfico da formação acadêmica dos entrevistados	20
FIGURA 03	Gráfico da faixa etária dos entrevistados	20
FIGURA 04	Gráfico de quanto tempo os entrevistados trabalham na área	21
FIGURA 05	Gráfico dos tipos de violência que o entrevistado sabe identificar	22
FIGURA 06	Gráfico se algum aluno dos entrevistados já sofreu algum tipo de violência	23
FIGURA 07	Gráfico se o entrevistado acha que a violência sofrida por algum de seus alunos pode afetar o seu rendimento escolar	24
FIGURA 08	Gráfico se o entrevistado conhece algum órgão de proteção de criança e adolescente	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Articulação dos objetivos específicos, metas e atividades	16
------------------	--	-----------

SUMÁRIO

01.	INTRODUÇÃO	11
02.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
03.	OBJETIVOS	15
04.	METODOLOGIA	17
4.1	Levantamento Bibliográfico.....	17
4.2	Uso de Entrevistas.....	17
4.3	Amostra	18
05.	ANÁLISE DOS RESULTADOS	18
5.1	Entrevistas individuais.....	19
5.2	Grupo Focal.....	24
5.2.1	Desenvolvimento do Grupo Focal.....	24
06.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
07.	REFERÊNCIAS.....	31
08.	APÊNDICES.....	33

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada “Violências que atingem as crianças escolares: a percepção e conhecimento dos profissionais da educação” têm como principal objetivo analisar o conhecimento e a percepção que o profissional da educação possui sobre as violências que afetam ou podem afetar o desenvolvimento escolar das crianças, sobretudo porque a escola tem uma grande relevância social, ela recebe crianças de culturas diversificadas, criadas de forma dessemelhantes, onde muitas estão sofrendo algum tipo de violência e não sabem como reagir diante dela.

A violência é um ato presente em todo o país, principalmente as que atingem a integridade física e psicológica do indivíduo. Hoje existe grande preocupação com este tema, porém não se tem feito muito para amenizar este ato que tanto se faz presente na vida de muitas crianças e adolescentes no Brasil. A escola é onde a criança possui o primeiro contato extra-familiar e, a instituição tem grande relevância social e tem como função educar e formar cidadãos, o que ocorre é que dentro dela há alunos que estão sendo violentados e o papel do professor é identificar essas infrações que esse indivíduo está sofrendo ou evitar para que não ocorra. No entanto, não conhecemos como se encontra a formação dos profissionais da educação neste tema que se faz presente tanto na esfera micro (família, escola) quanto na esfera macro, isto é, na sociedade.

Assim sendo, essa pesquisa tem como prioridade verificar o conhecimento do professor sobre as violências, como lidam com as crianças que são afetadas ou podem vir a ser e se este problema afeta o processo ensino e aprendizagem escolar. Visa contribuir para o fortalecimento e a socialização deste tema tanto academicamente quanto socialmente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os alunos são agredidos de diversas formas fora e dentro da escola, e como na instituição existe uma grande concentração de pessoas diferentes, com percepções variadas onde todos se relacionam e interagem enquanto sujeitos congnocentes, dentro delas estão vivendo não só alunos que produzem e reproduzem a violência, mas alunos que são vítimas de diversas formas de violência tais como: violência física, psicológica, abuso sexual intrafamiliar, assédios sexuais, exploração sexual comercial, abandonos, maus-tratos, negligências por parte dos pais e às vezes da própria escola, onde ocorre uma das violências mais comuns e difíceis de identificar que é a violência simbólica, que muitos professores praticam, abusando da sua autoridade em sala de aula e muitos educadores nem sabem que praticam, pois não possuem o conhecimento adequado das violências que atingem seus alunos.

“A escola que sempre operou como basilar na esfera educacional, tendo como função social de grande relevância, hoje se encontra sorvida e reproduzindo a crescente violência da sociedade. Os diversos tipos de violências que sofrem crianças e adolescentes estão presentes no ambiente escolar, seja refletindo a própria violência, seja recebendo as crianças e adolescentes violentadas e, na grande maioria não sabendo como intervir nessa problemática. Portanto, inadmissível é adiar providencias frente à questão da violência e o engajamento da escola nesta demanda, posto que a mesma é o lugar privilegiado para a construção e reconstrução social, cidadã e humana de indivíduos”. (Cavalcanti, 2009, p.6).

Crianças que sofreram algum tipo de abuso tendem a ficar traumatizadas pelo medo, vergonha e pelo terror. Elas se contem, evitam tocar no assunto podendo sofrer de depressão, falta de concentração, dores estomacais, fobias, sensação de estar sempre sujo. Pessoas que são violentadas tendem a repetir o ato e a escola é o espaço onde isso ocorre com frequência, passando despercebidos pelos professores.

“A violência, que, no cotidiano, é apresentada como abuso sexual, psicológico ou físico de crianças e adolescentes, é, pois, uma articulação de relações sociais gerais e específicas, ou seja, de exploração e de forças desiguais nas situações

concretas, não podendo, assim, ser vista como se fosse resultante de forças da natureza humana ou extranaturais- por exemplo, obra do demônio- ou um mecanismo autônomo e independente de determinadas relações sócias. Esta violência, manifesta, concretamente, uma relação de poder que se exerce pelo adulto ou mesmo não adulto, porém mais forte, sobre a criança e o adolescente num processo de apropriação e dominação não só do destino, do discernimento e da decisão livre deles, mas de sua pessoa enquanto outro. Esse uso (chamado abuso) do poder da força é, de fato, uma profunda desestruturação de uma relação de poder legitimada pelo direito e pelo diálogo, pela autoridade da maiêutica na dinâmica de ensino/ aprendizagem mútua vivida no questionamento comum do mundo e na construção da autoridade legítima” (Cordeiro, 2007, p.49. Apud. Faleiros, 1998, p.10)

Abordar crianças e adolescentes em situação de violência é um processo delicado que exige muita sensibilidade do profissional que se propõe a essa tarefa. É preciso compreender quais os sentidos que cada criança, cada adolescente construiu para sua experiência. Tentar entender a combinação entre fatores de risco e de proteção pode ser um indicador para nos aproximarmos deste sujeito fragilizado. De fato não há uma regra geral para identificarmos sujeitos em situação de violência, o que há são pessoas que sofrem e que precisam de ajuda para melhor lidar com este sofrimento.

Na escola, as consequências são danosas como: o baixo rendimento escolar, dificuldade de aprendizagem, introversão, agressividade com os colegas de classe e até mesmo com o professor, fuga de contato físico, dificuldade de confiar nas pessoas.

Tantas consequências, a criança abusada requer mais atenção por parte da escola e do professor, por isso, essa pesquisa se fundamenta, tendo em vista a grande contribuição social que a escola contemporânea deve assumir, inclusive ampliando conceito de inclusão em sua complexidade que deve abranger estratégias metodológicas e humanas tanto para um cadeirante, uma etnia, perpassando por uma criança violada em seu próprio corpo, visando à permanência e a qualidade que a escola deve garantir para quem tem seus direitos violados.

Nesse sentido, as questões, articuladas aos objetivos da pesquisa, que norteiam o processo de investigação são:

- Quais violências que atingem as crianças são percebidas pelos profissionais da educação?

- Que conhecimento os profissionais da educação possuem sobre o tema violência que atingem as crianças?

- Qual a relação que o professor estabelece entre violência que atinge as crianças e seu desenvolvimento escolar?

- Qual o conhecimento dos profissionais da educação em relação aos órgãos de proteção da criança?

A relevância dessa temática impõe a este projeto o desafio de, por meio do processo de investigação de natureza teórica e prática analisando como os profissionais da educação estão percebendo as diversas violências que atingem um grande contingente de crianças nos anos escolares, de certa forma como esses profissionais conhecem a educação em direitos humanos.

As consequências que a violência infantil acarreta para a vida dessa criança, no seu cotidiano e sua personalidade, afeta sua integridade tanto no momento presente quanto no futuro se essa violência persiste. Nesse sentido a relevância social e científica deste projeto, justifica-se pela necessidade de ampliar e fortalecer a educação em direitos humanos. Entende-se que nessa perspectiva é possível trazer à tona dados que permitam discutir essa realidade sob os horizontes dos desafios que o Amazonas possui.

A realização desse projeto é auxiliar a escola a desenvolver combates contra as violências, estimulando o verdadeiro vínculo que a escola deve possuir que é cuidar e educar, em um fazer pedagógico coerente com a compreensão de que esse tema necessita de uma maior atenção. Ajudando a escola a adquirir mais informações para o combate à violência, envolvendo os professores nessa temática que pode corromper a infância, podendo acarretar consequências irreversíveis.

É nesse sentido que, a realização da presente pesquisa contribui para a discussão de que as violências interferem no cotidiano dessa criança, mas a escola pode desvendar, que o respeito ao próximo, a harmonia e a integridade pode ultrapassar a barreira que foi imposta pela circunstância, vivida por ela. A criança tem seus direitos e de acordo com o ECA ela tem direito à vida. ECA, Lei No 8.069, de 13 de julho de

1990, elaborado com base no Artigo 227 da Constituição do Brasil de 1988, que traz em sua íntegra:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Portanto, a principal forma de intervir nos diversos tipos de violência contra a criança é impedir que elas aconteçam. Nesse sentido, a escola possui um papel fundamental para colaborar nessa prevenção. Porém se faz necessário primeiro analisar como está sendo trabalhado esse tema no âmbito escolar pelos seus profissionais para, com clareza e objetividade fornecer subsídios teóricos e metodológicos que elevem a qualidade da formação desses profissionais e, por conseguinte a melhor estruturação da educação em sentido integral.

3. OBJETIVOS:

O objetivo geral desse processo de investigação é analisar o conhecimento e a percepção que o profissional da educação possui, sobre as violências que afetam ou podem afetar o desenvolvimento escolar das crianças. O Quadro 1 é composto pelos objetivos específicos articulados às atividades e metas que viabilizaram alcançá-los.

Quadro 01: Articulação dos objetivos específicos, metas e atividades.

Objetivos Específicos	Metas	Atividades
1) Identificar as principais violências que são percebidas pelos profissionais da educação.	Entrevistar os profissionais da educação (professores, gestores e pedagogos) sobre a percepção que os mesmos têm em relação às violências que atingem as crianças.	Entrevista através do grupo de discussão (grupo focal) com os profissionais da educação sobre a percepção que os mesmos têm em relação às violências que atingem as crianças.
2) Verificar qual ou quais conhecimentos que os profissionais da educação possuem sobre os diversos tipos de violência que atingem as crianças.	Entrevistar os profissionais da educação verificando qual ou quais conhecimentos os mesmos possuem sobre as violências que atingem as crianças.	Entrevista individual com os profissionais da educação objetivando, verificar qual o conhecimento dos mesmos sobre os tipos de violências que atingem as crianças.
3) Verificar se o professor estabelece relação entre violências que atingem as crianças e seu desenvolvimento escolar.	Entrevistar professores verificando se os mesmos relacionam a violência sofrida pelo aluno com o desenvolvimento em sala, se isso afeta a aprendizagem e o relacionamento no cotidiano escolar.	Entrevista individual com os professores.
4) Identificar quais órgãos de proteção a criança os profissionais da educação conhecem.	Através da entrevista terá uma questão específica para análise se professores/gestores e pedagogos conhecem órgãos que protegem a criança, se ele sabe onde denunciar e procurar ajuda para a criança que está	Entrevista individual com os professores, gestores, pedagogos sobre os órgãos de proteção da criança.

	sendo violentada.	
--	-------------------	--

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 2013.

4. METODOLOGIA

A metodologia aborda os aspectos qualitativos objetivando uma melhor aproximação com o objeto estudado para isso contou com as seguintes estratégias metodológicas:

4.1 Levantamento Bibliográfico

Consiste na estruturação do aporte para a construção de um referencial teórico na perspectiva de que “a teoria, que fornece as categorias de análise, necessita, no processo de investigação, ser revisitada, e as categorias reconstituídas” (FRIGOTTO, 2000, p.81). Tal procedimento fez-se necessário para a apreensão do caráter histórico do objeto do estudo, sem perder de vista: a relatividade, a parcialidade e provisoriedade de todo o conhecimento histórico (FRIGOTTO, 2000, p.81).

4.2 Uso de Entrevistas

Para verificar como a escola através de seus profissionais percebem, conhecem e relacionam as violências que atingem a integridade de várias crianças com o desenvolvimento escolar e por consequência seu processo de aprendizagem, bem como verificar o conhecimento que os profissionais da educação sobre os órgãos de proteção à criança. Focou-se de forma geral a formação dos profissionais da educação no que concerne a educação em direitos humanos.

Como estratégia, optou-se pelo uso da entrevista que requer planejamento prévio e manutenção do componente ético, desde a escolha do participante, do entrevistador, do local, do modo ou mesmo do momento para sua realização. (BICUDO, 2006). Selecionamos a entrevista semiestruturada por ser direcionada, por ter um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas e por ser um dos modelos mais utilizados o qual permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado (FUJISAWA, 2000).

Paralelo a esta, fizemos outra estratégia qualitativa que é o grupo de discussão ou grupo focal objetivando aprofundar a questão. Para sua realização utilizamos o uso de gravador para que seja ampliado o poder de registro e captação de elementos de comunicação de extrema importância, pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, aprimorando a compreensão da narrativa (SCHRAIBER, 1995).

4.3. Amostra

Para melhor caracterizar a amostra e dá qualidade a pesquisa, levantamos uma amostra nas de escolas situadas nas Zonas Leste, Oeste, Centro-Oeste, Sul, Centro-Sul e Norte. Escolhemos as escolas aleatoriamente e com o devido aceite da mesma, sendo uma escola em cada Zona, em cada escola as entrevistas foram realizadas com 2 professoras (somente uma ainda está cursando pedagogia, pois sua formação é em Licenciatura em Matemática) e uma pedagoga (gestora) 06 escolas, totalizando 12 professoras e 6 gestoras, o que nos levou a soma de 18 entrevistadas. Demarcamos os anos iniciais do ensino fundamental, isto é do 1º ao 5º ano, crianças de 06 a aproximadamente 11/12 anos de idade.

Como dito, o levantamento das escolas foi aleatório, porém com o devido aceite das mesmas, assim sendo o aceite foi fundamental para entrevistarmos tanto a gestora quanto as professoras de cada escola. Para a concretização das entrevistas ficamos a disposição do tempo que tinham cada professora, ou seja, em sua grande maioria a entrevista foi realizada nos intervalos que a escola oferece, com exceção das entrevistas com as diretoras que marcávamos antecipadamente com horário pré-determinado, o que facilitou o andamento da pesquisa.

Em seguida marcamos os dias em que iríamos fazer as visitas. Nas seguintes visitas, aplicamos a entrevista com perguntas formuladas, devidamente planejadas com base nos objetivos específicos propostos nesta pesquisa (APÊNDICE), coletando assim os dados necessários para alcançarmos nosso objetivo geral.

A escolha do entrevistador foi a própria aluna bolsista do PIBIC devidamente dirigida por sua orientadora em relação a sua postura imparcial e ética. Em relação às escolhas dos entrevistados (participantes), foi feito pela disponibilidade e atenção que professoras e pedagoga ou gestora deram ao tema. As entrevistas foram realizadas nas respectivas escolas que se disponibilizaram, especificamente na sala dos professores.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

O desenvolvimento do Projeto “Violências que atingem as crianças escolares: a percepção e conhecimento dos profissionais da educação” foi realizado de dois modos: entrevistas individuais e entrevista com grupo focal.

Através desta busca metodológica, analisamos as categorias: o preparo da escola em sua ampla função social, a formação do professor para esta demanda, as metodologias técnicas e humanas nesta questão. Nosso propósito além do conhecimento dos profissionais sobre o tema é aclarar melhor a educação em direitos humanos e a contribuição a partir dos dados retirados nesta pesquisa e sua possibilidade de socialização sobre este objeto de estudo, ou seja, a violência sofrida pelas crianças e a qualidade da escola para receber essas crianças.

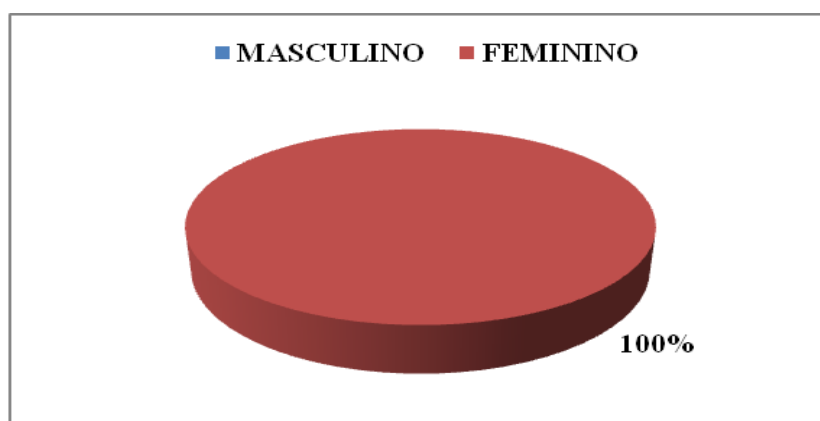
A seguir estão apresentados os resultados realizados, respectivamente com gráficos que ilustram entrevista com as 18 profissionais, todas do sexo feminino, entre o 2º semestre de 2012 e o 1º semestre de 2013.

5.1 Entrevistas Individuais

IDENTIFICANDO OS ASPECTOS SOCIAIS E ETÁRIOS DOS ENTREVISTADOS

No primeiro ponto a ser analisado, figura 01, foi o gênero sexual, como observado 100% dos entrevistados são do sexo feminino.

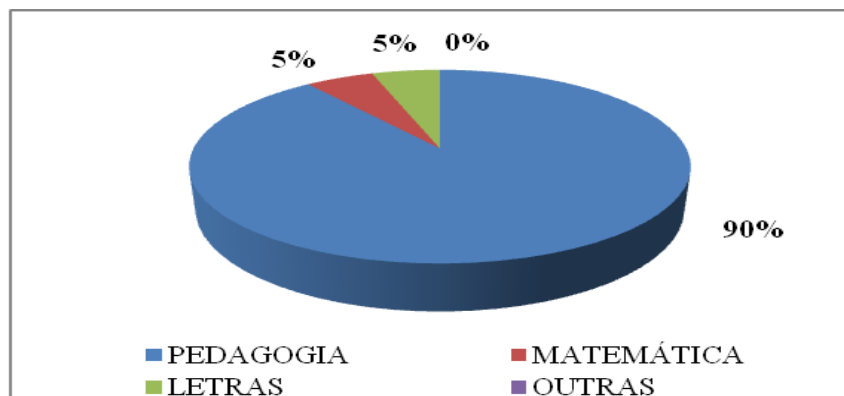
Figura 01: Gráfico do gênero sexual dos entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

Na figura 02, se observa que 90% dos entrevistados tem formação em pedagogia e respectivamente 5% têm formação em matemática e 5% em Letras.

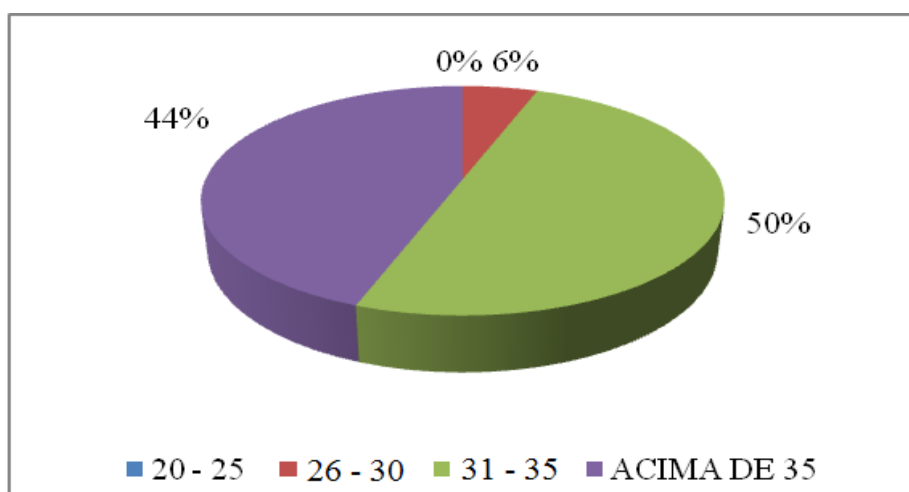
Figura 02: Gráfico da formação acadêmica dos entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

Na figura 03, foi levantada a faixa etária dos entrevistados, onde se observa que 6% dos entrevistados estão entre 25 e 30 anos, 50% entre 31 e 35 anos e 44% acima de 35 anos.

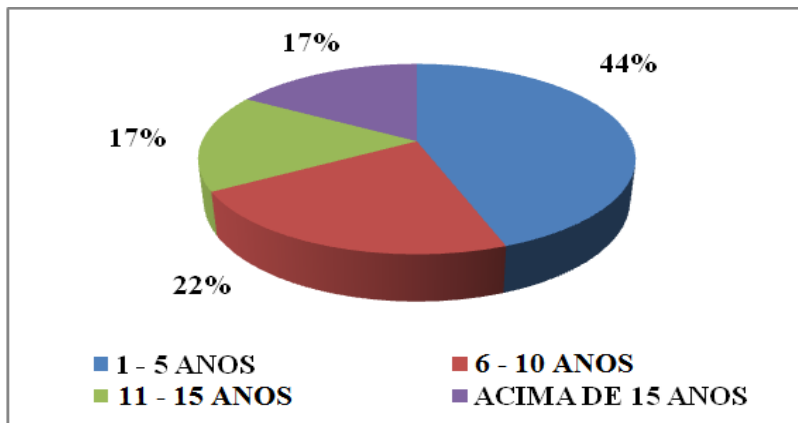
Figura 03: Gráfico da faixa etária dos entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

Na figura 04, é possível observar que dos entrevistados 44% têm entre 1 a 5 anos de experiência na posição de educador, 22% entre 5 e 10 anos de experiência, 17% entre 10 e 15 anos e 17% acima de 15 anos de trabalho na área.

Figura 04: Gráfico de quanto tempo os entrevistados trabalham na área.



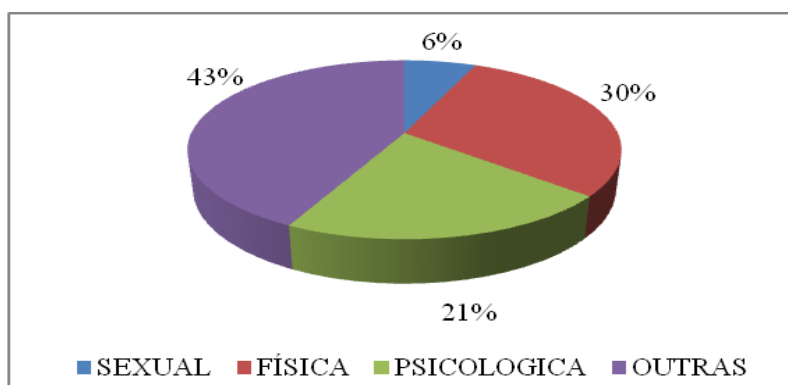
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

Identificação e percepção do educador em relação aos tipos de violências que afetam os escolares.

Como é observado nas primícias deste estudo que remete aos tipos e como os pais e a própria escola, não conseguem identificar as diversas formas de violências, pois não tem o conhecimento adequado das violências que atingem seus alunos e filhos. Portanto, quão é necessário à busca da informação necessária e assertiva para lidar com os mais diferentes tipos de personalidades, aspectos sociais e econômicos que são presente no ambiente escolar e assim poder oferecer uma orientação adequada.

Na figura 05, foi identificado que dentre os 18 entrevistados apenas 3, tem conhecimento da violência sexual ou seja 6%. Dos entrevistados 14, ou seja, 30% tem conhecimento da violência física, 21% ou 10 conhecem da violência psicológica e 43% tem conhecimento de três ou mais tipos de violência.

Figura 05: Gráfico dos tipos de violência que o entrevistado sabe identificar.

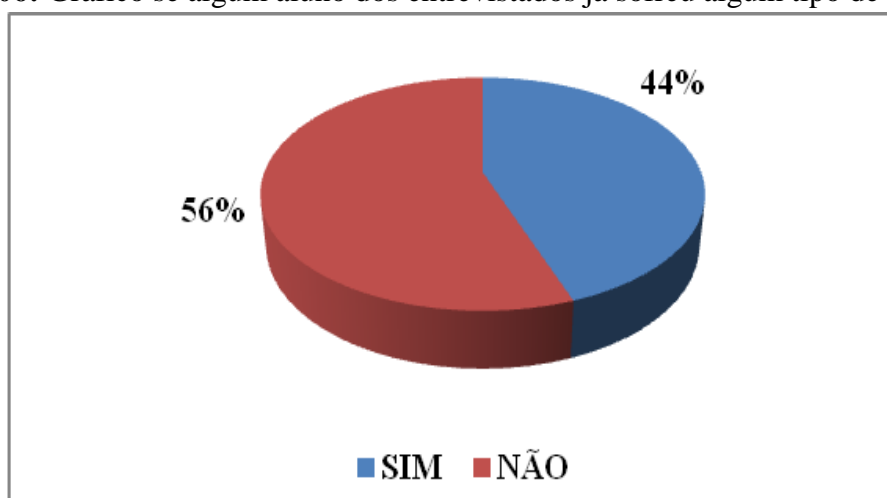


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

A seguir, na figura 06, foi constatado que dentre os entrevistados 44% afirmaram que percebeu que seu (s) aluno(s) sofreu(sofreram) algum tipo de violência. 56% disseram que não perceberam qualquer tipo de violência que tenha sofrido seus alunos. Estes 44% que afirmaram ter percebido algum tipo de violência sofrida por seus alunos foram das Zonas Oeste, Leste e Centro-Sul, e em todas elas foram observadas somente um tipo de violência, a violência física que nas situações citadas os alunos foram agredidos por familiares e entre eles mesmos na escola. E quando foi perguntado como elas lidaram com esta situação a maioria ficou sem respostas, outras não falaram por medo da família e por falta de apoio da escola. Como é o caso da profa. X que trabalha e mora na Zona Oeste, no ano passado um de seus alunos foi agredido pelo pai, mas por medo de alguma interferência, já que o pai era violento, preferiu não interferir na decisão do aluno. *“-Sabe como é eu também tenho família e no bairro onde moramos... fiquei com medo”*.

As professoras que responderam que nunca tiveram alunos violentados disseram que se percebessem acionariam o Conselho Tutelar imediatamente.

Figura 06: Gráfico se algum aluno dos entrevistados já sofreu algum tipo de violência.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

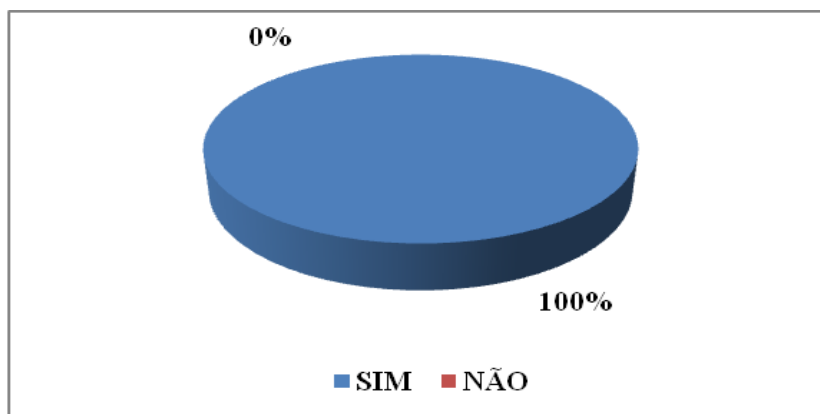
No gráfico 07, unanimemente, ou seja, 100% foi escolhida a opção em que o entrevistado afirma que qualquer tipo de violência que algum aluno sofra, afeta diretamente o seu rendimento escolar, as falas destes entrevistados são muito semelhantes, dizendo que o aluno violentado fisicamente reproduz essa violência, mudam de humor, ficando mais calados e introvertidos. Como diz a professora Y, que

leciona na escola da Zona Sul, disse que *“afeta o rendimento do aluno, a criança não consegue se concentrar, fica violento e não interage com os colegas de sala”*.

A professora X, que leciona na Zona Centro-Sul, diz que *“os alunos ficam se agredindo, se xingando, algumas crianças são mais violentas e essas são as que me preocupam”*;

A Professora da Zona Leste, disse que *“meus alunos são agressivos, um deles a pouco tempo mudou de comportamento, se tornou mais calado e menos participativo, não sei ao certo o motivo, mas receio que esteja sofrendo algo dentro de casa, ele fica mais quieto quando alguém se aproxima”*.

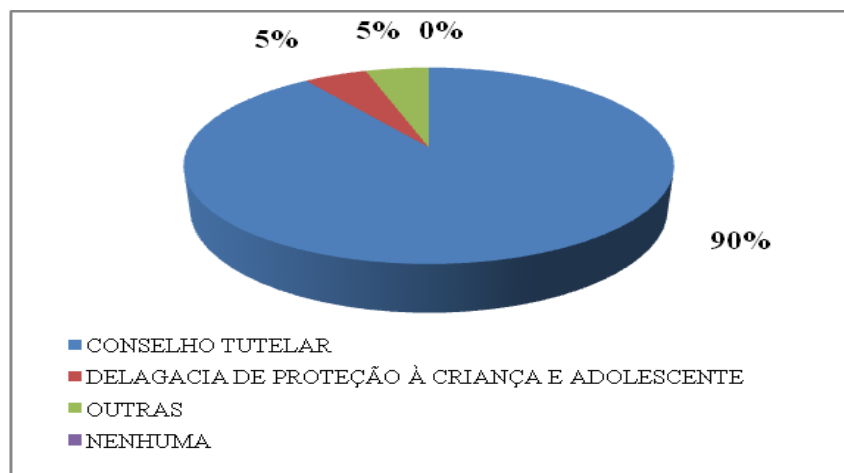
Figura 07: Gráfico se o entrevistado acha que a violência sofrida por algum de seus alunos pode afetar o seu rendimento escolar.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

Por fim, ao analisar a última pergunta, mostrada através do gráfico abaixo é possível afirmar que os entrevistados tem baixo conhecimento relacionado aos órgãos que dão apoio a criança e adolescente no que diz respeito a violência. Logo, é pertinente inferir o pouco conhecimento sobre esses órgãos, pois em sua grande maioria o conhecimento sobre os mesmo fica limitado ao Conselho Tutelar.

Figura 08: Gráfico se o entrevistado conhece algum órgão de proteção de criança e adolescente.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/ 13.

5.2 - Entrevista Grupo Focal

Estruturalmente, o grupo focal é um grupo pequeno, para o proveito do próprio investigador na percepção e captura das interações entre os participantes, considera-se uma potente ferramenta na investigação sobre as percepções e posicionamentos presentes nos sujeitos sobre um determinado assunto, mais ainda, quando pretendemos compreender também porque estes pensam e como pensam. Barbour (2009, P.89).

Dessa forma foi predefinida uma relação de perguntas relacionadas ao tema deste trabalho (onde estão explicitas abaixo) e debatidas ordenadamente entre uma pedagoga e duas professoras de uma escola pública do Ensino Fundamental nos Anos Iniciais, localizada na Zona Oeste de Manaus.

5.2.1 – Desenvolvimento do Grupo Focal

Houve uma dificuldade em executar o grupo focal, a proposta foi apresentada em diversas escolas, mas sempre houve impemilhos tardando o cronograma desse item nesta pesquisa. Apenas uma escola se habilitou a ceder um espaço em que fosse elaborado essa discussão, porém não houve um número maior de participantes devido atividades pedagógicas internas.

Nessa etapa da pesquisa apenas três profissionais se disponibilizaram, devido a falta de tempo e de horário que coincidiam. A pedagoga com 54 anos é formada há 29

anos e a professora I de 36 anos com formação há 13 anos, a professora II de 22 anos formada a um ano.

O debate deste grupo focal foi gravado, abaixo está transcrito esta gravação.

1. Quais os tipos de violencia voce conhece?

Professora I: Doméstica, física e é muito comum e a mais visível pois aparece ematomas no corpo da criança.

Pedagoga: Negligência, sexual.

Professora II: Existem vários tipos de violência, dentre elas a violência física, psicológica, verbal e sexual.

2. Vocês percebem quando seus alunos sofrem algum tipo de violência? (se responderem sim indagar quais e como percebem).

Professora II: É possível perceber uma mudança no comportamento dos alunos que passam por algum tipo de violência, geralmente ficam mais distantes, com pouco concentração e até mesmo violentos. Normalmente a violência é física e/ou verbal.

Professora I: É muito difícil perceber alguns tipos de violência, mas a física é mais perceptível, pois o aluno fica com marcas pelo corpo e o professor tem que ficar atento quanto a isso.

Pedagoga: Há mudanças de comportamento da criança que fica violenta, outras vezes amedrontada.

Professora I: Uma mudança de comportamento repentino é um alerta para o professor e que ele tem que ficar atento a esses sinais para diagnosticar o problema e conversar imediatamente com os pais para saber o que está acontecendo.

3. Vocês tiverem algum tipo de formação sobre violência na graduação, mestrado ou doutorado?

Professora I: Eu não, sobre violência não, só sobre aspectos comportamentais, sobre violência especificamente não, nenhum tipo de trabalho.

Pedagoga: Realmente agente lida com isso muito mais na prática. Aqui na escola em alguns momentos agente estudou, leu, mas formação abordando a questão propriamente eu acho que nem tem.

Professora II: Foram realizadas algumas leituras e discussões sobre o assunto na graduação, mas sem grande aprofundamento do assunto.

4. Na escola teve algum trabalho sobre violência?

Professora: Na escola não, no estado, na prefeitura e no município tem palestras direcionadas nesse sentido, mas aqui na escola não especificamente.

Professora II: Não, não tem. Mas há um tempo atrás fizemos um trabalho.

5. A violência atinge o desempenho escolar da criança?

Pedagoga: Com certeza, nós adultos não sabemos lidar com nenhuma forma de violência imagina uma criança, então é aquilo que eu falei, a criança fica com aquele sentimento muito intrínseco nela, mas com certeza ela demonstra que alguma coisa tá errada, que alguma coisa não vai bem. Tem criança que começa a chorar do nada, tem criança que se torna mais agressiva na escola, sofreu violência e a defesa dela é ser violenta na escola. Então, por mais que isso fique às vezes até mesmo dentro do âmbito familiar ou de uma forma muito velada, mas ela não consegue mascarar pra gente o tempo todo.

Professora I: De alguma forma ela reflete e ela chega à escola e vai transmitir isso.

Professora II: Certamente que sim, a criança que sofre qualquer tipo de violência tem isso refletido no seu desempenho escolar visivelmente, inclusive com mudança na sua postura com os colegas.

6. Já houve algum caso ou vários casos nessa escola?

Pedagoga: A nossa escola tem esse diferencial, pelo fato de a gente dar um acompanhamento muito próximo, pelo fato de a gente ter uma aproximação com os pais. Então são os poucos os casos. Bem, nós temos crianças que já foram estupradas, temos crianças vítimas de agressão física, de padrasto embriagado, temos crianças que não chegou a ser um estupro, mas foram aliciadas, assédio moral e assédio sexual.

Professora II: Já houve relatos de violência doméstica.

7. O que é feito quando a escola se depara com esses casos de violência?

Professora I: Não teve nenhum caso de extrapolar uma conversa com os pais, primeiro momento é conversar com os pais, chamar o pai para conversar, professora repassa a situação para a coordenação que chama os pais para conversar.

Professora II: É realizada reuniões com o setor de orientação pedagógica, a família é chamada para acompanhamento e se necessário realiza-se visita na casa da criança, ou quando o caso é mais grave os alunos são encaminhados ao conselho tutelar.

Pedagoga: Uma criança que nós tivemos alguns anos atrás já tem algum tempo que foi comprovado que ela foi assediada sexualmente e que a escola chamou a família pra ver como é que estava a mobilização da família, a própria família já havia ido ao juizado e conselho tutelar, já tinha tomado essas medidas.

8. Quais os órgãos que vocês conhecem?

Pedagoga: Conselho Tutelar, Delegacia da Criança, A secretaria de assistência social, juizado da criança e do adolescente.

Professora I: Juizado da infância e da juventude e Conselho Tutelar.

Professora II: O órgão que trata efetivamente dessa questão é o conselho tutelar.

Esta estratégia conta com um princípio fundamental que é justamente a interação dos participantes.

A coordenação de um grupo focal, para além do objetivo principal de incentivo às interações entre os participantes, visa também o melhor desenvolvimento do encontro com o registro sobre a dinâmica do grupo, o auxílio na condução das discussões, o controle e monitoramento do equipamento de gravação e por fim, as devidas anotações referentes às falas dos participantes para melhor transcrição dos dados (BACKES et al. 2011).

Neste sentido notamos as seguintes interações que podem nos subsidiar melhor nesta análise sobre o assunto: o conhecimento falado da violência física e sexual; percebem a mudança de comportamento quando sofrem violências; não possuem formação sobre o tema; na escola não há trabalho sobre o assunto abordado; acreditam que a violência interfere na aprendizagem; há relatos sobre violências em relação aos alunos; fica explícito que não há uma diretriz estruturada de como a escola trata os casos que aparecem em seu âmbito; órgão que conhecem é o Conselho Tutelar.

Diante deste estudo fica patente que conhecer os diversos tipos de violências que sofrem as crianças escolares e as consequências que estes acarretam no desenvolvimento escolar e na vida como um todo de uma criança se faz imprescindível.

Os profissionais da educação em seu exercício e em sua formação necessitam conhecer, identificar os variados tipos de violências tais como: atos violentos com o uso da força física de forma intencional, provocada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas; rejeição, privação, depreciação, discriminação, desrespeito, cobranças exageradas, punições humilhantes, utilização da criança e adolescentes para atender às necessidades dos adultos; contato físico, não apresentando necessariamente sinal corporal visível, mas que denota estimulação sexual sob a forma de práticas eróticas e sexuais (ameaças, indução, voyerismo, exibicionismo, produção de fotos e exploração sexual etc.). Também fica patente a importância da prática contra as violências, porém só podemos agir naquilo que conhecemos.

A guisa de análise e sabedores que a violência contra crianças e adolescentes esteve presente na história da humanidade desde os mais antigos registros, isto é, quanto mais rebuscarmos a História, mais reduzido o nível de cuidados com as crianças, maior a probabilidade de que sofreram violências das mais diversas e cruéis. Porém ao longo dessa história algumas mudanças atentaram e atentam para a proteção e por consequência a garantia de direitos da criança.

No Brasil destacamos a importância singular do Estatuto da Criança e do Adolescente como uma política que vem ao encontro do amparo legal e da concretização de direitos que necessitam urgências em serem garantidos e fortalecidos. Nesse sentido a Escola é um Instrumental nessa direção, porém apesar das garantias democráticas, claramente expressas na Constituição de 1988 e no ECA, precisamos de práticas intencionais no que tange a formação de profissionais que lidam e educam as crianças e jovens brasileiros levando o princípio constitucional de prioridade absoluta a crianças e adolescentes, ou seja, a efetivação de práticas que realmente estejam presentes em instituições que podem e devem assegurar um melhor e mais saudável desenvolvimento humano. Temos que exercitar o que dispõe o artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei Federal 8.069/90)

"Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais"

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio destes resultados analisamos que os profissionais entrevistados possuem pouco conhecimento sobre o assunto abordado, ou seja, “violências que afetam nossos escolares”, possuem de certa forma o conhecimento mais voltado para o senso comum.

A falta de conhecimento das Redes de Proteção à Criança é bastante notada, pois o único órgão que indicam é o Conselho Tutelar. Do mesmo modo verificamos a ausência do olhar sensível para identificar se o aluno passa por alguma violência. Percebemos também que os profissionais compreendem que, se a criança é afetada por algum tipo de violência isso comprometerá no seu rendimento escolar, porém na prática com as crianças elas não conseguem ampará-las e protegê-las, pois não se pode transmitir um conhecimento que não possuem. Como afirma Abramovay (2003), que o conhecimento dado a criança fará toda a diferença e a influência que transformará a realidade deste indivíduo.

Com estes dados obtidos, percebemos que estes profissionais necessitam de um melhor e mais profundo conhecimento sobre as violências que atingem as crianças, e por falta de conhecimento não conseguem identificá-las e se percebem não consegue trabalhá-las. É necessário que o educador conheça cada uma das violências, saiba identificá-las e a melhor forma de intervir neste problema. Para que isso aconteça se faz imprescindível uma formação que estruture a temática.

Por lidarmos com seres humanos, sabemos o quão dificultoso é esse problema na vida das crianças, necessitamos percebê-las, pois são pessoas que precisam de orientação para lidar com este sofrimento. A escola tem que garantir a esses alunos proteção, tem que incentivar a esses profissionais da educação que tenham mais atenção para essa temática, para que essas crianças melhorem sua qualidade de vida e aprendam a se defender saindo do silêncio e da opressão.

Com base nos resultados obtidos nesta pesquisa, percebemos que o *grupo focal* foi ao encontro dos resultados obtidos nas entrevistas, nos possibilitou um maior entendimento sobre suas percepções referente ao tratamento das questões de violência contra.

Vale considerar a dificuldade de realizar as entrevistas, pois na maioria das escolas em que visitamos não havia disponibilidade de horário, pois tinham um

cronograma a ser cumprido de provas, fechamentos de notas e em outros momentos por falta de tempos vagos para as professoras. Outras vezes era por medo de expor suas opiniões, pois quando se explicava o que era o Projeto desconversavam e colocam dificuldades, com o discurso de que hora estavam no começo do bimestre, hora estavam no fim do bimestre ou em alguma prova avaliativa do município ou a nível nacional. Por fim, conseguimos realizar a pesquisa, porém com muita dificuldade principalmente no Grupo Focal.

Alcançamos nosso objetivo e observou-se que os professores das series iniciais necessitam de um maior aprofundamento no assunto, de palestras e projetos de intervenções para estas crianças, mas que precisam realmente é de uma formação inicial em nível de graduação, na qual o Curso de Pedagogia e das Licenciaturas precisam observar em seus Projetos Pedagógicos esta formação, dando assim uma melhor qualidade para os futuros docentes tendo em vista que os mesmos assumem um compromisso social não só de formar em conteúdos acadêmicos, mas também e de igual valor formar seres humanos educando em direitos humanos que vai além de uma aprendizagem cognitiva, incluindo o desenvolvimento social e emocional de quem se envolve no processo ensino-aprendizagem (PNEDH, 2009).

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam: Violências nas escolas: versão resumida/ Miriam Abramovay et alli.- Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

BACKES, D.S., COLOMÉ, J., ERDMANN, A. L., LUNARDI, V.L. *Grupo focal comotécnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. O mundo da saúde*, SãoPaulo: 2011;35(4):438-42

BARBOUR, R. *Grupos focais* – Porto Alegre: Artmed. Tradução Macedo Figueiredo Duarte. 2009

BICUDO, F.A entrevista- testemunho: quando o diálogo é possível. **Revista Caros Amigos.** Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=333DACOO1>. Acesso em 17 de mar. 2006.

CAVALCANTI, Francisca Maria Coelho, DERZI, Ana Maria de Lima, FILHO, Thomé Eliziário Tavares Filho, SAMPAIO, Claudia Brandão, COBRA, Selma de Jesus. Caderno didático para professores: Construindo caminhos para o combate a violências que sofrem crianças e adolescentes. Francisca Maria Coelho Cavalcanti, (org.) 1ª Edição- Manaus, Editora FUA (Fundação Universidade do Amazonas), 2009, 55p. ISBN: 978-85-7401-506- 4.

CAVALCANTI, Francisca Maria Coelho, DERZI, Ana Maria de Lima, VALENTE, Nívyia Kellen de Castro. ESCOLA QUE PROTEGE: Formar, Articular e Integrar para Proteger, Manaus: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada e Diversidade/ Partners of América, Instituto Companheiros das Américas, Universidade Federal do Amazonas/ Pró-Reitoria de Extensão. Manaus, 2006.

FALEIROS, Vicente de Paula, FALEIROS, Eva Silveira. ESCOLA QUE PROTEGE: Enfrentando a violência contra a criança e adolescente. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007.

HENRIQUES, Ricardo, FIALHO, Leandro, CHAMUSCA Adelaide. PROTEGER PARA FRIGOTO, Gaudêncio. O Enfoque da Dialética materialista Histórica na Pesquisa Educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

IASP. Instituto de Ação Social do Paraná. ECA. LEI Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Imprensa Oficial. Paraná, 2006.

MOTA, Maria Dolores Brito, MADEIRA, Zelma, CORDEIRO, Andréa Carla Filgueiras. A escola diz não à violência. Universidade Estadual do Ceará, Pró-Reitoria de Extensão, Laboratório de Estudo e Pesquisa em Direitos Humanos, Cidadania e Ética- LABVIDA, 2007.

8. APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E POS-GRADUACAO
PROGRAMA DE INICIACAO CIENTIFICA

Manaus,de

Prezado(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre as violências que atingem os escolares, com o objetivo de analisar a percepção e o conhecimento que os profissionais da educação possuem a respeito do tema. Solicitamos vossa participação respondendo as questões que se seguem. Não há necessidade de identificação, pois queremos garantir anonimato aos nossos participantes. Assim que tivermos a aprovação de nossa pesquisa, faremos o possível para que os resultados cheguem a vossa senhoria.

Antecipadamente agradecemos a participação.

Parte I: Dados gerais do participante

- a) Idade:.....
- b) Sexo:F () M ()
- c) Escolaridade:
- d) Formação:
- e) Tempo de atuação:

Parte II: Questões específicas:

- a) O que é violência?
- b) Você percebe algum tipo de violências que os escolares sofrem? Se sim, quais?
- c) Você tem ou teve escolares que sofrem ou sofreram violências?
- d) A que você atribui essas violências que sofrem nossos escolares?
- e) Como são os escolares que sofrem violências e seu desenvolvimento escolar?
- f) Você conhece algum órgão de proteção de crianças e adolescentes? Se sim, qual(is)?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E POS-GRADUACAO
PROGRAMA DE INICIACAO CIENTIFICA

Grupo Focal

Manaus,de

Prezado(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre as violências que atingem os escolares, com o objetivo de analisar a percepção e o conhecimento que os profissionais da educação possuem a respeito do tema. Solicitamos vossa participação respondendo as questões que se seguem. Não há necessidade de identificação, pois queremos garantir anonimato aos nossos participantes. É necessário gravar para depois transcrever e será preservado total sigilo dos participantes. As perguntas serão feitas e todos podem participar em todas as perguntas. Assim que tivermos a aprovação de nossa pesquisa, faremos o possível para que os resultados cheguem a vossa senhoria.

Antecipadamente agradecemos a participação.

Dados gerais do participante

- f) Idade: 23
- g) Sexo:F () M ()
- h) Escolaridade: Formação:
- i) Tempo de atuação:

Questões específicas:

1. Quais os tipos de violência você conhece?
2. Vocês percebem quando algum de seus alunos sofrem algum tipo de violência?
(se responderem sim indagar quais e como percebem).
3. Vocês tiverem algum tipo de formação sobre violência na graduação, mestrado ou doutorado?
4. Na escola teve algum trabalho sobre violência?
5. A violência atinge o desempenho escolar da criança?
6. Já houve algum caso ou vários casos nessa escola?
7. O que é feito quando a escola se depara com esses casos de violência?
8. Quais os órgãos que vocês conhecem?